



Fazer julgamento moral do bem e mal

Kogito: O julgamento é sempre um assunto que nos chama atenção.

M.K: Shinran dizia que não sabia, em absoluto, o que as pessoas queriam dizer com os termos bem e mal.

Kogito: Como ele era um mestre, deveria orientar as pessoas para o bem e afastá-las do mal, não é?

M.K: Nesse caso, qual seria a referência de bem ou mal?

Kogito: A referência de bem ou mal...

M.K: Ao meu ver, reconhecemos o bem e o mal de acordo com a conveniência de cada um.

Kogito: Quer dizer que o nosso reconhecimento é arbitrário?

M.K: De uma forma simplificada, somos sujeitos a chamar determinadas coisas que nos são convenientes de “boas” e as que não nos são, de “ruins.”

Kogito: Dessa forma, jamais deixaremos de discutir sobre as questões a respeito do que é bom ou mau.

M.K: As palavras de Shinran expõem de forma vigorosa e direta como esse tipo de discussão é vã.

Kogito: Lembro que o Mestre Shinran também disse: “Não sei absolutamente se o nembutsu é uma semente para se alcançar o nascimento na Terra Pura ou um ato que nos condena ao inferno.”

M.K: Muito bom! Essa frase sugere que, para nós, seres humanos, vida e morte são duas coisas distintas, assim como o bem e o mal. Entre os extremos, o ciclo de samsara permanece.

Kogito: O senhor comentou que uma das características da sabedoria do Buda é ir além da distinção. Isso deve, de alguma forma, estar relacionado ao assunto.

M.K: Exato. Quando Shinran disse: “Eu não sei absolutamente...”, ele está salientando a natureza incerta do nosso julgamento, tanto sobre a nossa existência quanto sobre assuntos éticos.

Kogito: Com frequência, nominamos as ações de outros de boas ou más, isso por estarmos sempre assombrados pelos preconceitos autocentrados.

M.K: O que conseguimos ver não é necessariamente tudo o que ocorre por trás das ações. O carma não é um assunto tão simples.

Kogito: Pois é, Mestre. Se fossem verdadeiramente justos os julgamentos éticos feitos sobre tudo, o mundo seria um lugar mais sensato e pacífico do que é agora.

M.K: Por outro lado, Mestre Shinran também não queria dizer que não é importante traçar uma linha entre o bem e o mal no nosso cotidiano.

Kogito: Tem razão, se não fôssemos capazes de distinguir entre o que podemos dizer e o que não devemos, por exemplo, a ordem social se romperia.

M.K: Dito isto, devemos estar atentos ao fato de que os padrões para fazer julgamentos do que é bom ou mau, certo ou errado, podem mudar sempre.

Kogito: Os padrões podem mudar sempre...

M.K: Veja bem, como exemplo, algumas ações que foram reconhecidas como boas na sociedade feudal não são mais aceitáveis agora.

Kogito: E aquilo que é aceito como bom numa sociedade capitalista, nem sempre é aprovado numa sociedade comunista.

M.K: Da mesma forma, alguém que é louvado como um herói num determinado país, seria a encarnação do diabo para aqueles que foram por ele conquistados.

Kogito: Vou além, uma vez que o progresso na ciência médica é necessário e indispensável para os seres humanos, sacrificar animais para realizar experimentos com esse intuito é algo reconhecido como aceitável.

M.K: Para os animais que são mortos, a espécie humana lhes parece extremamente cruel e brutal.

Kogito: Assim, podemos dizer que: “Não sei, absolutamente, o que significam as palavras bem e mal”.

M.K: A propósito, nossa vida no dia a dia é sempre governada por esses pensamentos autocentrados, quer estejamos conscientes ou não.

Kogito: Cuidamos daquilo que nos convém e a tais coisas definimos como boas e corretas, e, por outro lado, odiamos o que nos é inconveniente e as chamamos de más e incorretas.

M.K: Desse modo, desorientados por nossos próprios pensamentos autocentrados, criamos um mundo repleto de amor-e-ódio.

Kogito: Aqueles que porventura compartilham dos mesmos interesses formam grupos com seus companheiros e passam a odiar aqueles com quem isso não se dá.

M.K: Por isso é que nossas vidas seriam inteiramente “falsas, vazias e vãs”, como disse Shinran.

Kogito: Vidas falsas, vazias e vãs...

M.K: É extremamente difícil para nós, seres humanos, nos conscientizarmos da nossa própria ignorância.

Kogito: Apenas ao sermos despertados pela verdade do Tathagata é que iremos humildemente reconhecer a ignorância que nos habita.

M.K: Somente então é que poderemos firmar e vivenciar a paz e a serenidade verdadeiras. Nesse contexto, Shinran disse que apenas o Nembutsu é verdadeiro.

Kogito: Poderia falar sobre esse assunto no próximo encontro?

M.K: Claro, vamos sim.

Kogito: Namandabu.

M.K: Namandabu.